

A relação contraditória capital-Estado-trabalho na produção de territórios dissidentes na cidade-armário

Caroline Cherubini Rodrigues
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: arqurbrodrigues@gmail.com

Miriam Cléa Coelho Almeida
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: miriam.coelho@uesb.edu.br

315

Palavras-chave: LGBTIfobia. Movimentos socioterritoriais. Produção urbana

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma questão aberta em dissertação de mestrado em Geografia, cuja pesquisa em andamento acerca do movimento LGBTI+ visa compreender as relações entre a produção do espaço urbana e a violência contra as minorias sexuais e de gênero, por meio da análise da contraditória capital-Estado-trabalho e das suas expressões territoriais em Vitória da Conquista, Bahia. Objetiva-se entender como essas vivências são marginalizadas no processo histórico-social por uma ideologia dominante, que impõe a heterocisgeneridade compulsória como norma: a heterocisnormatividade (Butler, 2019a, 2019b). Não-conformes às práticas reguladoras e às matrizes da inteligibilidade sexual e de gênero, as minorias são sujeitadas à múltiplas formas de violência e violações de direitos e garantias fundamentais.

Dentre estas, a negação dos direitos invioláveis à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, à integridade e à liberdade de consciência e expressão, assegurados no Art. 5 da Constituição, e punições estabelecidas por lei de qualquer forma de discriminação atentatória aos direitos e às liberdades fundamentais, tal como o direito à cidade, à infraestrutura, à terra e à moradia urbana, conforme o estabelecido pelo Estatuto da Cidade, na Lei nº 10.257/2001. Inadequado à ideologia dominante, esse grupo minoritário é subjugado por diferentes formas de opressão, exclusão e estigmatização social e à

Realização:



Apoio:



negação de suas subjetividades, à medida que constitui dissonância subversiva ao controle social pelas matrizes normativas e ideais regulatórios da inteligibilidade sexual e de gênero. A LGBTIfobia consiste no preconceito, ódio, repúdio e(ou) aversão irracional à esses sujeitos não-normativos e é um instrumento de legitimação da marginalização e desigualdade socioespacial, visto como as relações de poder submetem essas experiências à estruturas compartilhadas de opressão (Butler, 2019a, 2019b).

METODOLOGIA

A pesquisa propôs instrumentos de interpretação alicerçados na problematização da categoria analítica matricial (território) com o elemento articulador variável (violência contra minorias sexuais e de gênero) e o trabalho como base fundante da existência humana (Lukács, 1978). Foi utilizada a concepção de Oliveira (1999) do território como unidade dialética contraditória, totalidade concreta indissociável da transformação do espaço pela sociedade, assim transformando a si própria (Oliveira, 1999); compreendendo a violência, com base nas proposições de Souza (2000), como um fator de manutenção do poder e controle sobre o espaço territorializado; e das diferenças sexuais e de gênero por Silva (2009), que as reitera como ferramentas de intelecção do espaço através de expressões materiais da ocupação contra-hegemônica dos espaços urbanos, em fissuras imbricadas na heterocisnormatividade.

Definiu-se como método o materialismo histórico-dialético e, para composição de referencial teórico, levantamento bibliográfico como principal procedimento metodológico. Ademais, foram realizados levantamento de dados primários (por questionários e entrevistas semi-estruturadas com população LGBTI+) e secundários sobre a violência, os conflitos e as percepções do espaço urbano nos territórios dissidentes na cidade de Vitória da Conquista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar-se a produção territorial à luz do pensamento crítico, as cidades se conjecturam como manifestações do sistema de exploração fundamentalmente desigual e contraditório o qual estrutura a produção capitalista do espaço. Conforme perscruta-se como os movimentos sociais minoritários (interseccionados por diferentes recortes e

Realização:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE SERRA BRANCA



Apoio:



CAPES

marcadores sociais) resistem e se (re)apropriam de espaços ideologicamente hegemônicos, confrontando a lógica inexorável da (re)produção de uma cidade que determina e é determinada de acordo com os interesses do capital. Ao reivindicar esses espaços, as minorias contestam excludentes tessituras urbanas e revelam as fissuras inerentes à urbe, lócus de conflito eivado de disputas e contradições dialéticas, e, pela amalgamação do trabalho como base fundante da existência humana, em sua dimensão ontológica, concreto (produtor de valores de uso) e abstrato (circunscrito à esfera da mercadoria, portanto, produtor de valores de troca) (Lukács, 1978), subvertem sua matriz alienante através da produção territorial urbana dissidente, de modo a desconstruir interesses inconciliáveis em confrontação antagônica e os rígidos instrumentos mantenedores da violência contra LGBTI+, entre os quais a dominação da própria memória.

O poder não é apenas uma permuta ou relação de inversão constante entre um sujeito e um outro, os insiders e os outsiders: ele se configura e opera na produção de uma estrutura binária de hierarquização do gênero e repressão da sexualidade. Esse regime epistemológico é, ao mesmo tempo, produtor-reificador da inteligibilidade sexual e de gênero que condiciona corpos-território em uma estrutura reguladora, que suprime a multiplicidade subversiva das experiências dissonantes à ideologia dominante das relações de reprodução social e da força de trabalho, por estas ousarem romper com as hegemonias performativamente construídas no processo de (re)produção do espaço urbano e representarem transgressões aos mecanismos consubstancialmente conflitivos de interdição e de controle social, intrínsecos à acumulação.

O conceito de cidade-armário consiste na percepção do espaço como estrutura de apagamento das configurações do gênero e da sexualidade desviantes à norma instituída, em que a produção territorial urbana reproduz o apagamento, ocultação, interdição e destruição desses corpos-território não-normativos para perpetuação do poder. Tratando-se de territórios ocupados por grupos minoritários, suas espacialidades e vivências na cidade se relacionam com a produção do espaço interdito (o normativo, insider, visível e o rejeitado, outsider, invisível); relações corpo-cidade não se fazem dissociadas desse calidoscópio contraditório e complementar: pautadas pela interdição, vinculadas à reiteração da heterocisnormatividade e, conseqüentemente, sua transgressão. O grupo

Realização:



Apoio:



minoritário, subordinado por hegemonias que negam a legitimidade de suas existências (produzindo seus silêncios e ausências), como parte do proletariado exercem um contrapoder às ordens sociais impostas, visto que o poder apresenta fissuras, tensões e implica em múltiplos feixes de relações (Souza, 2000; Silva, 2009; Floyd, 2009; Butler, 2019a, 2019b).

Entendeu-se que imposições da heterocisnormatividade alcançam a esfera produtiva e então se configuram, no processo geral de produção e reprodução do capital, de acordo os interesses exploratórios da divisão sexual do trabalho, em uma sociedade dividida em classes. O regime de abjeção dos sujeitos ininteligíveis se materializa nas violências contra minorias sexuais e de gênero, mas estas subvertem a lógica constitutiva da cidade-armário ao se (re)apropriarem dos espaços sociais a elas negados e produzirem territórios dissidentes, que refletem disputas pelo espaço e a relevância de considerar a LGBTIfobia na produção do espaço urbana. Compreende-se a LGBTIfobia como a expressão territorial dos processos de exclusão de minorias sexuais e de gênero, em uma cidade moldada e constituída na relação contraditória capital, trabalho e Estado (como mediador e personificação do capital, atuando para atender à classe hegemônica) pela desigualdade iminente ao processo de acumulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência LGBTIfóbica se configura no processo de (re)produção do capital, à medida que se reconhece o caráter profundamente material da produção social das diferenças – de modo contraditório, produzindo os próprios corpos dissidentes que segrega e violenta no espaço urbano, por relações de poder e dominação heterocisnormativas que os constituem, no domínio de uma inteligibilidade que se impõe e realiza pela reiteração forçada da matriz excludente pela qual esses sujeitos são formados no processo histórico. Essa matriz requer a produção simultânea de áreas não-vivíveis, inabitáveis, designando assim a não-cidade e constituindo a urbe-armário por um regime de abjeção desses sujeitos ininteligíveis, o qual se materializa na violência contra minorias sexuais e de gênero, as quais subvertem a cidade-armário ao se (re)apropriarem do espaço moldado e constituído no âmago das contraditórias relações capital-Estado-trabalho, portanto revolucionando, através da práxis da dissonância, as

Realização:



Apoio:



articulações da desigualdade. As violações de direitos e garantias fundamentais, como o direito à cidade, à moradia e à infraestrutura urbana, impedem a vivência de minorias sexuais e de gênero, corpos trans e subculturas queer fora dessa (trans)cidade marginal, ocultos pela heterocisnormatividade urbana, resistindo através da produção de territórios de subversão.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N-1 Edições, Crocodilo Edições, 2019b.

FLOYD, K. **The reification of desire: toward a queer marxism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

LUKÁCS, George. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: **Temas de Ciências Humanas** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-18, 1978. Tradução: Carlos Nelson Coutinho.

OLIVEIRA, A. U. de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 63-110.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

Realização:



Apoio:

